Do Brasil para o Mundo
**Gonzalo Martner Fanta - Cooperação e diversificação
econômica na América Latina**

Jean Henri Benoît de Mulder Fuentes

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FUENTES, J. H. B. M. Gonzalo Martner Fanta - Cooperação e diversificação econômica na América Latina. Interviewed: Gonzalo Martner Fanta. In: SOUSA, C. M., THEIS, I. M., and BARBOSA, J. L. A., eds. *Celso Furtado: a esperança militante (Depoimentos)*: vol. 2 [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2020, pp. 305-318. Projeto editorial 100 anos de Celso Furtado collection. ISBN: 978-65-86221-11-4.
<https://doi.org/10.7476/9786586221671.0015>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Gonzalo Martner Fanta*

Foto: Banco de dados e imagens do Projeto 100 anos de Celso Furtado

“

A reconstrução de uma visão a médio e longo prazo da América Latina deve partir do Brasil, eu acredito, porque o Brasil é o centro da economia latino-americana. Atualmente é necessário um maior intercâmbio no âmbito das organizações multilaterais como a Cepal, a Corporação Andina de Fomento e o próprio Banco Interamericano de Desenvolvimento... É um momento em que a integração latino-americana vai retomar o dinamismo, creio eu, pela mudança das circunstâncias e pelo que vem sendo semeado no tempo com mais diálogo, convivência, capacidade de discutir...Será um momento de maior intercâmbio no domínio das ideias, das estratégias na América Latina.

”

* Entrevista realizada em 1º/12/2015, na Universidade de Santiago, Chile, por Jean Henri Benoît de Mulder Fuentes, no contexto das atividades do Procondel (Sudene – UFPE) e cedida aos organizadores da Trilogia *Celso Furtado a esperança militante*.

Cooperação e diversificação econômica na América Latina

Jean Henri Benoît de Mulder Fuentes¹

Gonzalo Martner Fanta, chileno, doutor em Economia pela Universidade de Paris, viveu na França de 1976 até os anos finais da década 1980, quando retorna ao Chile para juntar-se ao movimento pelo fim da ditadura militar de Augusto Pinochet.

Aos 16 anos Gonzalo exilou-se na Venezuela, com seus familiares, pois seu pai, Gonzalo Martner Garcia, então ministro do Planejamento do governo do presidente Salvador Allende (1970 e 1973), precisou abandonar seu país devido à repressão do governo Militar. Escolheu a França para cursar Economia por influência de Celso Furtado, amigo de seu pai dos tempos da Cepal, que em uma passagem por Caracas, em 1974, os visitou e recomendou a Sorbonne, Universidade em que lecionava, como ideal para Gonzalo cursar Economia. O reencontro com Furtado aconteceu em 1976, desta vez na condição de aluno e professor, em um curso que introduzia a economia da América Latina para os alunos da Universidade de Paris.

No seu currículo, Gonzalo teve passagem pela Cepal, como consultor e uma importante atuação política no Chile, como um dos fundadores do Partido para a Democracia (PPD), atuando pelo fim do ditadura Pinochet. Presidiu o Partido Socialista chileno, nos anos 2000. Entre 2008 e 2010 ocupou o cargo de Embaixador do Chile na Espanha.

Desde 1994, atua como professor da Universidade de Santiago do Chile. O professor Martner é autor de uma extensa bibliografia que discute temas como Estado, política e economia. A obra mais recente foi publicada em 2018, “Economía: Una introducción heterodoxa”, propõe um debate em torno de duas questões emergentes na América Latina:

¹ Doutor em ciência política pela UFPE, pesquisador do Núcleo Desenvolvimento e Região do Departamento e Ciência Política da UFPE e pesquisador bolsista da Fundação de Amparo a Ciência e Tecnologia de Pernambuco - FACEPE

as limitações da teoria econômica neoclássica; e a atualização das teses mais clássicas de desenvolvimento.

Na entrevista Gonzalo nos conta particularidades do professor Celso Furtado, que ele descreve como extremamente cordial e atencioso. Discorre sobre a Cepal que, segundo ele, “cumpru um papel importante no sentido de incentivar os governos da América Latina na reflexão sobre a equidade e sobre o uso do boom das matérias primas na geração de políticas eficazes para reduzir as desigualdades”.

Gonzalo diz acompanhar de perto os problemas políticos do Brasil, dado a importância do país para a América Latina. “O Brasil é um dos atores globais. Para todos é chocante ver que o emergente Brasil, player global, passa a ser um país em crise, um país emergente em recessão” frisou.

Perguntado sobre o cenário atual, Matner Fanta enfatiza que é preciso que os governantes realizem ações de curto prazo, considerando as características dos desafios dos países da região: “Estamos em níveis de aumento de desemprego, pobreza, recessão...Não há capacidade de se ter visão de médio e longo prazo”, pontua. Sobre o futuro é enfático: “a reconstrução de uma visão a médio e longo prazo da América Latina deve partir do Brasil, eu acredito, porque o Brasil é o centro da economia latino-americana”, conclui.

Entrevista

- **Gostaríamos que você comentasse sobre sua formação acadêmica, suas atividades acadêmicas e políticas, e, principalmente, sobre a influência de seu pai em sua formação e a relação dele com Celso Furtado.**

Sou doutor em Economia pela Universidade de Paris, me formei em Paris I (Sorbonne). Tendo estudado na Aliança Francesa em Santiago, parecia bastante lógico ir estudar na França. Em 1973, meu pai era ministro do presidente Allende, e o foi durante os três anos de seu governo, até ser deposto pelos militares chilenos. Eu tinha 16 anos e tivemos de ir para o exílio, primeiro na Venezuela, onde meu pai foi exilado. Em 1974, Celso Furtado passou por Caracas, onde vivíamos, e então meu pai me disse: “Filho, venha comigo para conversar com um amigo.” Eu já estava com 17 anos, e conhecia Celso somente de nome. Tivemos uma reunião muito agradável. Bem, meu pai tinha

trabalhado na Cepal por muito tempo, até 1970. Enfim, meu pai teve bastante vínculo com Celso Furtado e toda a equipe da época, Raúl Prebisch² e todos da Cepal. Raúl Prebisch foi a grande figura da Cepal durante os anos 1950 e 1960, também o chileno Aníbal Pinto³, e vários outros. No entanto, só tivemos esta conversa com Celso Furtado em Caracas. Lembro-me muito bem de onde Celso estava hospedado. E a pergunta era, dado que ele era um professor da Universidade Paris I - se ele recomendava ou não que essa universidade fosse uma opção de estudo. Eu tinha feito meus estudos de bacharelado francês em Caracas. Ele recomendou fortemente como uma boa universidade. Como você sabe, depois de maio de 1968, a universidade foi dividida, chegou a ter 13 segmentos, se não me engano, onde antes havia apenas uma universidade. Então, Paris I tomou o nome da Escola de Direito, juntamente com a Escola de Ciência Política. Havia uma escola de Direito tradicional e junto com ela a Faculdade de Economia. Ou seja, ali estava a tradição em ciências econômicas, como falavam na França na época. Raymond Barre, que foi primeiro-ministro da França, foi professor lá. Foi assim, então, que houve este primeiro encontro com Celso Furtado. Logo, se bem me lembro, em 1976, Celso Furtado dava um curso de economia latino-americana na Sorbonne, e lá, naquele curso, nos reencontramos. Foi um curso eletivo, mas para a faculdade, obviamente, este curso tinha que ter elementos descritivos da América Latina. Os alunos do curso, em geral, tinham uma visão muito distante da realidade da América Latina. Então, era um curso que tinha essa dimensão de introduzir a realidade econômica, política e social da América Latina e, ao mesmo tempo, é claro, desenvolver teorias, porque Celso Furtado foi um dos autores que estavam a meio caminho da corrente da teoria da dependência.

2 Raul Prebisch (1901 – 1986) Foi secretário executivo da Cepal de 1949 a 1963 quando deixou a instituição a pedido do Secretário Geral da ONU, U Thant, para assumir o cargo de Secretário Geral da UNCTAD (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento, onde ficou até 1969.

3 Anibal Pinto Santa Cruz (1919–1996) Ingressou na Cepal nos anos 1950, foi diretor da Cepal/ILPES no Rio de Janeiro (1960–1965), foi diretor da Divisão de Desenvolvimento Econômico e dirigiu a Revista da Cepal de 1986 até sua morte.

- **E Celso Furtado, professor? Discutia, debatia, pedia opiniões, era mais exigente com os alunos latino-americanos ou não... Como ele era, então?**

Como eu dizia, aqueles foram os meus primeiros contatos com Celso Furtado, na condição de estudante - eu tinha 18 anos. Ele sempre foi extremamente cordial e atencioso. O curso abordava de forma mais panorâmica, uma introdução à América Latina e à economia latino-americana. Celso Furtado falava um francês muito correto. Este curso foi eletivo, mas tinha uma grande quantidade de alunos. Bem, no estilo francês de ensino universitário, alguns cursos têm conferências pertinentes mais trabalhos dirigidos, e outros são cursos eletivos, que podem ter até 500 alunos. Neste curso de economia latino-americana de Celso Furtado, era um grupo menor, e então havia diálogo. Claro, o diálogo se dava mais com os estudantes latino-americanos, por razões óbvias, e os estudantes latino-americanos não eram muitos na classe. Era um curso que tinha a característica de poder ser exaustivo, para introduzir a um jovem estudante francês de economia a América Latina, que é uma realidade histórico-econômica, digamos, muito particular, muito diferente do habitual. Inclusive, nos estudos na França, havia bastante ênfase na África e no que se chamava de Terceiro Mundo. Estamos falando de um país que foi um império, que teve colônias na Ásia e na América (Guiana). Então, o curso de Celso Furtado buscava ser panorâmico, abrangente, introdutório e tentava descrever a situação da América Latina naquela época.

- **Nas aulas ele se referia ao Brasil, comentava algo?**

Eu não tive nenhuma oportunidade de conversar com ele sobre o caso específico do Brasil. Eu diria que ele não estava muito interessado em focar seus ensinamentos no Brasil, porque o foco era mais amplo do que a América Latina. Sobre a sua percepção da realidade brasileira, eu não tive a oportunidade de conversar.

- **E qual era a situação da América Latina naquele momento (1976)?**

Não nos esqueçamos que em 1974 é gerada uma mudança drástica, drástica no sentido de que tem marcado ao longo das décadas seguintes a economia mundial: é a época das taxas de inflação, em que as regulações macroeconômicas keynesianas e as instituições de Bretton Woods entram em crise e vão ter um papel na América Latina. É a era

das ditaduras na América Latina. A do Brasil já havia começado nos anos 1960. No ano que eu tive o curso com Celso Furtado, o golpe já estava na Argentina e ia chegar no Uruguai e no Chile em 1973. É um momento em que começa a mudar a visão da América Latina e uma introdução do regime neoliberal onde ele ainda não existia. Isso está começando a ocorrer no Chile, quase como um laboratório. Então, nesse contexto, o curso de Celso Furtado foi um dos que ainda estavam no contexto da política desenvolvimentista e, certamente, com a experiência brasileira por trás, que era a que ainda marcava a intenção de um desenvolvimento mais autônomo no contexto da economia mundial da época.

– **Sobre a teoria de Celso Furtado e o Pensamento Latino-americano de Desenvolvimento, o que nos diz?**

Então, eu diria que a obra de Celso Furtado se inseria entre duas correntes: a teoria cepalina e a teoria da heterogeneidade da economia estrutural; a relação centro-periferia e a teoria da dependência econômica, que também tinha um enfoque sociológico e político. Depois, nessa linha, veio Fernando Henrique Cardoso⁴. No meio disso está o famoso livro de Cardoso com Falaetto, “Desenvolvimento e dependência na América Latina”, que marcou, juntamente com uma série de autores, uma certa abordagem que Prebisch havia chamado de centro-periferia. Raul Prebisch estabeleceu a ideia da tendência à deterioração dos termos de troca, e que a manutenção da especialização apenas na extração de recursos naturais gerava um desequilíbrio, que iria produzir um empobrecimento sucessivo da economia através da compra de produtos industrializados mais caros e a venda de matérias-primas cada vez mais baratas em termos relativos. Essa abordagem foi substituída, ou completada, com a introdução de uma dinâmica não somente econômica, mas também geral, que outros autores chamavam de teoria dos sistemas-mundo, onde havia também uma subordinação política que se traduzia numa lógica imperial. Muito concretamente, o papel dos Estados Unidos nos anos 1960, como sabemos, era não somente de primeira economia mundial - o que continua sendo - mas também de domínio majoritário. As instituições de Bretton Woods

4 Fernando Henrique Cardoso, também conhecido como FHC, é um sociólogo, cientista político, professor universitário, escritor e político brasileiro. Foi o 34.º presidente da República Federativa do Brasil entre 1995 e 2003.

estavam operando sob seu selo original. Isso começou a mudar a partir de 1961, com a substituição do dólar pelo padrão-ouro.

- **Professor, há algum espaço para uma instituição de desenvolvimento na América Latina hoje? Qual é a conjuntura atual do desenvolvimento da América Latina?**

Bem, sim, há. Estamos agora em uma nova era na América Latina, no sentido econômico. O *boom* das *commodities* de 2003 e 2004 em diante, como sabemos, foi fortemente impulsionado pela maturação da economia chinesa. A economia chinesa torna-se, no início do século, a segunda maior economia do mundo, e começa a ter um tipo de expansão com efeitos impressionantes sobre a América Latina, de enorme importância, acho que não previstos por ninguém. No caso dos países com atividade de mineração forte, como Chile e Peru, e também do Brasil, no caso do minério de ferro, isto resultou em uma volta impactante dos enclaves de mineração a serem os fatores-chave da dinamização global da economia. O Chile tinha feito uma abertura para o exterior que tinha implicado quase no desaparecimento da sua indústria tradicional, mas tinha havido uma certa diversificação de suas exportações, especialmente no âmbito agrícola. A década passada, a década do *boom* das matérias-primas, significou o retorno do cobre ao eixo das exportações, mas também de grande parte da economia regional no setor norte do país, e, de forma mais geral, seu impacto não tanto no emprego, mas sim no PIB e no conjunto das atividades associadas, impulsionadas pelo setor de mineração. Esta re-primarização das economias de mineração foi acompanhada de processos radiantes e similares em áreas onde o impacto chinês foi mais forte, como no setor agrícola, principalmente na Argentina. A economia argentina, que sempre foi uma economia agro-exportadora, teve um *boom* impressionante. Talvez não tanto nas suas áreas mais tradicionais, tais como a carne e trigo, mas sim na soja, que como sabemos é muito importante para a alimentação animal. Na China, houve uma mudança de hábitos alimentares com um aumento no consumo

A economia chinesa torna-se, no início do século, a segunda maior economia do mundo, e começa a ter um tipo de expansão com efeitos impressionantes sobre a América Latina, de enorme importância, acho que não previstos por ninguém

de carne, e a soja teve, então, uma demanda impressionante e um aumento significativo no seu preço.

– **Brasil, dinamismo econômico, preço das commodities, petróleo...**

O Brasil teve a dupla influência dos preços dos minérios e dos preços agrícolas. O Brasil é uma economia muito mais complexa, com uma base industrial significativa e, portanto, certamente houve outros fatores que explicam a mudança de ciclo. Mas no caso chileno é claro, e também no caso da Argentina, do Peru, e na região andina em geral, isso veio acompanhando de mudanças na demanda global também das matérias-primas e do petróleo. Os países produtores de petróleo da América Latina, principalmente a Venezuela, tiveram o seu próprio ciclo de preços elevados. Hoje vivemos uma enorme queda de preços de praticamente todas as matérias primas, que não determinam a totalidade da dinâmica econômica, mas uma parte muito significativa. Então, a América Latina retorna à sua velha questão: se não se especializa, porque isso parece entrar em um ciclo de baixa, nunca se pode prever exatamente o que acontece com os preços. Nesse sentido, houve uma quebra da ideia da tendência de deterioração dos termos de intercâmbio, porque aqui houve um ganho em termos de intercâmbio muito notório pelo impacto por parte dos países emergentes, especialmente a China. Bem, mas este ciclo terminou. Foi uma década que alguns países usaram mais do que outros, em geral, nenhum país latino-americano investiu em ciência e tecnologia, e muito poucos em educação e infraestrutura. Estes novos excedentes não ajudaram como poderiam ter feito, de modo a preparar uma fase de maior diversificação. A famosa pergunta da América Latina: como diversificar a economia de modo que não tenhamos uma economia dependente unicamente dos ciclos de preços de matérias-primas? Esta volta a ser a pergunta de sempre.

– **O que fazer, então?**

Quer dizer, como nunca, volta a ser indispensável a reflexão sobre políticas industriais, ciência e tecnologia, polos territoriais de desenvolvimento. A temática e a linguagem dos anos 1950 e 1960 voltam a aparecer. O Chile, por exemplo, que tinha um crescimento de 5 a 6%, passa neste cenário a uma taxa de crescimento de 2%. No caso do Brasil, eu entendo que será uma recessão que vai durar um par de

anos. Dada a dimensão e importância do Brasil, ele também empurra fortemente para baixo países em sua área de influência, especialmente a Argentina. Assim, o continente como um todo se vê arrastado pela dinâmica chinesa, pela dinâmica brasileira, pela dinâmica europeia e norte-americana. Em suma, pelas grandes correntes da economia de hoje em dia, a América Latina provavelmente vai passar por uma fase prolongada de crescimento baixo, onde nossos países serão forçados a repensar sua diversificação. Todos eles são agora, basicamente, economias de serviços, mas que, no entanto, se inserem na economia mundial não tanto pelos serviços quanto por estes bens primários, que são, em alguns casos, o petróleo, em outros casos produtos agrícolas, em outros produtos minerais, mas há também um setor moderno, industrial, que alguns países, pontualmente, desenvolveram na última década, e que agora deve ser a base para o crescimento futuro. Agrega-se a essa dimensão algo que evidentemente não se pode deixar de considerar, que é a dimensão ambiental: por um lado, a importância das destruições locais de recursos e as deteriorações do meio ambiente, mas também pelos compromissos assumidos pelos governos sobre as alterações climáticas, as emissões de gases de efeito estufa.

– **O que dizer, hoje, de questões como dependência e integração latino-americana, crise europeia e o exemplo asiático?**

Então, mais do que nunca as estratégias econômicas da América Latina tornam-se mais complexas e mais necessária, e por sua vez a interdependência latino-americana, pelo menos no campo das ideias. Sabemos que as instituições estão em crise. Sabemos que as instituições de interesse estarão em crise, sabemos que a integração, pelo menos nesta fase do *boom* das matérias-primas, não avançou, que por sua vez o clima político na América Latina foi se deteriorando, se polarizando entre países da Alba⁵, países de políticas neoliberais, países intermediários. Não houve um empurrão para a integração, e ao mesmo tempo, o grande modelo de integração que sempre tivemos em vista era o modelo de integração europeu, e esse modelo entrou numa crise profunda, onde o centro e a periferia europeia colidem, como nestas situações muito graves que países como a Irlanda,

5 Alternativa Bolivariana para as Américas, bloco formado por Venezuela, Cuba, Bolívia, Nicarágua e Dominica, além do interesse de países como Equador e São Vicente e Granadinas de ingressar nesse bloco.

Espanha, Grécia e Portugal enfrentaram. Portanto, há uma crise muito profunda dos mecanismos de integração, mas também há necessidade - mais uma vez, como nunca antes - de repensar estratégias que nenhum país pode hoje, na América Latina, pensar separadamente. Além disso, a própria noção de América Latina tem sido posta em questão nestes tempos, especialmente para a política brasileira que tem colocado ênfase na América do Sul. De alguma forma, a diplomacia brasileira considera o México e a América Central como parte do bloco dos EUA. E tem colocado ênfase política, diplomática e econômica sobre a América do Sul. Eu acho que é um erro. Nós no Chile sempre dissemos que o México é um país muito importante, apesar de obviamente ser vizinho dos Estados Unidos, e que a maior parte de suas exportações tenha como destino os Estados Unidos, e que esteja fortemente integrado aos Estados Unidos, que continua a ser a maior economia do mundo. Não obstante, o México tem um destino comum com a América do Sul, nem que seja tão somente por ser etapa obrigatória das migrações. O próprio México é obrigado a ter uma política para a América do Sul, apesar de também não ter feito questão disso em uma determinada época. De modo que a América Latina - América do Sul, México e América Central, continua a ser uma unidade, com problemas comuns significativos, e ao mesmo tempo com a importante necessidade intelectual de pensar essas estratégias de desenvolvimento com as quais o mundo asiático - provavelmente sem muita elaboração e com muito menos "Cepais" - mostrou ao mundo, dos anos 1960 em diante, com os quatro Tigres Asiáticos, e depois China e Índia, ser possível, em uma geração, passar de situações de subdesenvolvimento a avanços incríveis em todas as áreas. Um país como a Coreia do Sul era muito mais pobre do que a Argentina ou o Chile ou o Uruguai em 1960, e hoje em dia está entre as 10 economias mais ricas do mundo. Em uma ou duas gerações, a Ásia tem mostrado que é possível passar a níveis de prosperidade muito mais amplos, com políticas que foram sistemáticas, audazes e que produziram resultados impressionantes. O chamado "milagre econômico japonês" também foi um dos fatos mais marcantes da história contemporânea. Então eu acho que a América Latina tem muito a olhar para a sua recente experiência e aprender com a Ásia, para sair do marasmo atual: recessão ou crescimento lento, e decadência destes polos de dinamização que foram essas matérias-primas, o petróleo, a mineração e o setor de produção de alimentos.

- **Como pesquisador e ator na história política, social e econômica do Chile, qual é a sua percepção, passados tantos anos, do papel da Cepal neste momento, no contexto do desenvolvimento na América Latina? Dada a dinâmica de formações a que você se referia, qual seria o papel que a Cepal deve enfatizar?**

A Cepal cumpriu um papel importante no sentido de incentivar os governos da América Latina na reflexão

sobre a equidade e sobre o uso do *boom* das matérias primas na geração de políticas eficazes para reduzir as desigualdades. Os relatórios recentes da Cepal vão nessa direção. A ideia é diminuir as diferenças. A Cepal realizou uma série de estudos detalhados sobre os importantes impactos que tiveram os chamados “programas de transferência condicionada” para os setores mais pobres, que efetivamente tiraram da pobreza milhões de latino-americanos. Esta foi uma fase em que houve progressos muito significativos na redução da pobreza na América Latina e, de alguma forma, algumas suaves diminuições na desigualdade. Suaves, claro. Sendo o ponto de partida, como sabemos, uma gigantesca desigualdade no nosso continente. Então, eu creio que, nisso, a Cepal desempenhou um papel significativo. Agora, a Cepal está retomando o que foi chamado na época de “estratégia de transformação produtiva”, a obra de Fernando Fajnzylberg⁶, que foi um dos pioneiros a este respeito; agora, efetivamente, a diversificação das economias da América Latina - e nisso estão novamente as reflexões da Cepal -, volta a ser o eixo, não porque o tema da diminuição da pobreza e da brecha distributiva devam ser abandonadas, mas porque agora, mais do que nunca, é necessário não só ver como os excedentes que estão disponíveis serão utilizados, mas sim - dado que esses excedentes desapareceram - como se volta a dinamizar a economia dentro

A Cepal cumpriu um papel importante no sentido de incentivar os governos da América Latina na reflexão sobre a equidade e sobre o uso do boom das matérias primas na geração de políticas eficazes para reduzir as desigualdades. Os relatórios recentes da Cepal vão nessa direção. A ideia é diminuir as diferenças

6 Fernando Fajnzylber Waissbluth (1940 -1991) Economista chileno, foi diretor de programa de Comércio Exterior durante o governo Salvador Allende, exilou-se no México até 1986, onde ocupou cargos em organismos internacionais. Ao retornar ao Chile ocupou a Diretoria de Desenvolvimento Industrial da Cepal.

de uma lógica estritamente produtiva. O tipo de especialização, o tipo de sinergia, o tipo de confirmação de estruturas industriais, e provavelmente também uma grande ativação. Eu não vejo a possibilidade de mais diversificação econômica na América Latina a não ser com mais cooperação econômica. A ideia de que cada país podia se conectar com a Ásia e com a China em suas especializações de exportação específicas, e que só isso bastava para manter o dinamismo econômico, é uma ideia que tinha fundamento. No entanto, as bases dessa lógica desapareceram. A cada dia que passa, o dia que em estamos conversando, hoje, pelo terceiro dia consecutivo, o mercado acionário chinês fecha. O descrédito da própria informação sobre as medições econômicas é cada dia maior. Estes são sintomas de um problema maior. A China está efetivamente reorientando sua economia, está se voltando para seu mercado interno, para a expansão do consumo, e deixa de ser uma economia que se baseia em taxas impressionantes de investimento. Em um período de 30 anos de expansão, onde os chineses mudaram completamente sua infraestrutura de uma maneira impactante, e se transformaram no grande exportador de todos os tipos de produtos de pouco desenvolvimento industrial até produtos cada vez mais sofisticados. Então, o fundamento da dinâmica econômica da América Latina e este tipo de busca de cada um por seus nichos específicos, que teve resultado por mais de uma década, não existe mais.

– **Como fica o Brasil, por exemplo, enquanto ator global, entre a ortodoxia fiscal e a hegemonia do capital financeiro?**

Eu conheço e acompanho o que acontece no Brasil, pois basta olhar para o mapa para perceber a importância do Brasil na América Latina. O Brasil é um dos atores globais. Para todos é chocante ver que o emergente Brasil, player global, passa a ser um país em crise, um país emergente em recessão. Tem sido impressionante ver isso e também ver a magnitude dos problemas políticos que estão enfrentando no Brasil, mas sempre tende a emergir da crise a capacidade de refletir como repensar a dinâmica econômica. Provavelmente, o principal desafio para o Brasil é o de gerir o curto prazo. A velha discussão sobre a ortodoxia fiscal versus o estímulo fiscal keynesiano de curto prazo. Eu entendo que isso é uma discussão que está ocorrendo agora no Brasil. Logo, o imenso condicionamento que o capital financeiro internacional atual faz sobre a economia e sobre os governos... Eles

dizem, “se você se comportar de uma certa maneira, especialmente em matéria fiscal, eu mantenho os ratings na avaliação financeira”. Então, “se você é ortodoxo e se comporta bem, eu digo que aqui não existe uma crise financeira”. Mas isso geralmente acontece e pode produzir situações de recessão ou de diminuição nas taxas de crescimento, o que acaba por não resolver nada. E no final, o capital financeiro emigra do mesmo jeito. Neste momento, a conjuntura é uma, onde há uma saída significativa de capitais da América Latina, e de capitais especulativos que com taxas de juro mais elevadas de hoje, e provavelmente dos próximos anos, nos EUA, abandonam os países da América Latina. Grandes projetos nos setores de matérias-primas tendem a diminuir. E, portanto, o capital mais volátil, como o capital produtivo estrangeiro, tende a perder o interesse na América Latina. E as rotinas dos governos devem ser de menos cautela sobre o que vai acontecer ou não, sobre o comportamento dos fluxos financeiros e do capital internacional. Não se trata de negligenciar este fator, mas o mundo é o que é, e não se pode fingir que ele não existe. Mas, obviamente, os governos precisam reativar a curto prazo. Keynes já dizia: “no longo prazo, estaremos todos mortos”. Então, no curto prazo, estamos em níveis de aumento de desemprego, pobreza, recessão... Manifestadamente, não há capacidade de se ter uma visão de médio e longo prazo.

– **Como você vê o futuro da América Latina?**

A reconstrução de uma visão a médio e longo prazo da América Latina deve partir do Brasil, eu acredito, porque o Brasil é o centro da economia latino-americana. Atualmente é necessário um maior intercâmbio no âmbito das organizações multilaterais como a Cepal, a Corporação Andina de Fomento, o próprio Banco Interamericano de Desenvolvimento, todos os quais têm fortes departamentos de estudo, mas também no nível das universidades e também, provavelmente, das empresas multi-latinas, que são empresas latino-americanas, algumas delas com um caráter global, e que também precisam se rearticular com outra visão, que nada mais é do que ocorreu na Ásia, com a interação do poder público, e que foi essencial nos grandes conglomerados asiáticos. Tudo isso está em fase inicial, mas é provavelmente o que vai acontecer nas próximas décadas na América Latina. É um momento em que a integração latino-americana vai retomar o dinamismo, creio eu, pela mudança das circunstâncias e pelo que vem sendo semeado no tempo com mais diálogo, convivência, capacidade de discutir, etc.

Será um momento de maior intercâmbio no domínio das ideias, das estratégias na América Latina.

- **Professor, em nome do projeto Procondel-Sudene e a Universidade Federal de Pernambuco agradeço sua valiosa contribuição.**

A ideia é que continuemos a desenvolvendo o intercâmbio, os vínculos. Se não fizermos isso dentro da universidade, pelo menos façamos isso no resto das entidades que têm que continuar se preocupando com o destino de nossos países. Muito obrigado por esta entrevista.